26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória

INFORMAÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA ANÁLISE DA CANÇÃO "TERTÚLIA"

INFORMATION, MEMORY AND IDENTITY: *AN ANALYSIS OF THE SONG "TERTÚLIA"*

Luis Fernando Massoni – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Ana Cláudia Medeiros de Sousa – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O tema desta pesquisa são as canções regionais e sua caracterização como fonte de informação e registro de memórias e de identidade cultural. O objetivo é analisar o papel da canção tradicionalista gaúcha na afirmação de identidades e na preservação de memórias coletivas. Estudo descritivo e documental, de abordagem qualitativa, que faz uso do método da narratologia para analisar a canção Tertúlia, de Jader Moreci Teixeira, conhecido como Leonardo, compositor de música nativista gaúcha. A canção é analisada a partir das categorias enredo, personagens, lugares, espaço, tempo e narrador, conforme proposto pela narratologia. Os resultados apontam que a canção realiza uma ode à tertúlia, caracterizando-a como uma prática cultural gaúcha na qual estão presentes expressões linguísticas, pessoas, paisagens e outros elementos da cultura regional. O estudo conclui que a canção apresenta a tertúlia como prática cultural gaúcha e forma de preservação de tradições regionais, mesmo que essa prática seja influenciada por ideais imaginários.
Palavras-chave: memória coletiva; identidade cultural gaúcha; canção tradicional; tertúlia; fonte de informação.

Abstract: The theme of this research is regional songs and their characterization as a source of information and a record of memories and cultural identity. The objective is to analyze the role of traditional Gaúcho song in the affirmation of identities and the preservation of collective memories. It is a descriptive and documentary study, with a qualitative approach, that uses the method of narratology to analyze the song Tertúlia, by Jader Moreci Teixeira, known as Leonardo, a composer of gaúcho nativist songs. The song is analyzed based on the categories of plot, characters, places, space, time, and narrator, as proposed by narratology. The results indicate that the song performs an ode to the tertulia, characterizing it as a Gaúcho

cultural practice in which linguistic expressions, people, landscapes, and other elements of regional culture are present. The study concludes that the song presents the tertulia as a Gaúcho cultural practice and a way of preserving regional traditions, even if this practice is influenced by imaginary ideals.
Keywords: collective memory; gaucho cultural identity; traditional song; tertulia; information source.

1 INTRODUÇÃO

As produções artísticas possuem forte influência das experiências que vivenciamos coletivamente, amparadas nas visões de mundo e nos significados que compartilhamos com os grupos sociais. A produção musical é uma delas, representando os temas de interesse e a subjetividade de seus criadores, permeada por traços que remetem à identidade cultural da sociedade que a produz. Ao registrarem os laços e as representações sociais desses grupos, as canções narram saberes e detalhes do cotidiano, atuando como expressão de memória e fonte de informação sobre eles.

No estado do Rio Grande do Sul (RS), as canções produzidas no âmbito do movimento tradicionalista gaúcho, expressão cultural que busca a preservação e o desenvolvimento da cultura gaúcha, remetem a costumes e modos de ser e estar no mundo. Por vezes, essas representações são idealizadas e pouco condizentes com a realidade contemporânea do estado, especialmente a urbana, mas ainda assim representativas da memória da população gaúcha e de sua identidade cultural. Este é o caso das produções de Leonardo, famoso músico, compositor e cantor da música nativista gaúcha, responsável por obras muito conhecidas no RS e que representam os costumes culturais regionais, como Tertúlia, de 1982, agraciada com o troféu Calhandra de Ouro da Califórnia da Canção Nativa (Música Regional, 2022).

Este estudo tem como tema a canção tradicional como registro de informação e expressão de memória coletiva e identidade cultural. O recorte temático é a canção regional gaúcha e o objeto de estudo é a obra Tertúlia (1982), composta por Leonardo. Nela, o compositor retrata cenas do cotidiano regional, especialmente em torno da tertúlia, termo de origem castelhana que designa um grupo de pessoas que se encontram para discutir ou conversar (Tertúlia, 2026). No contexto da cultura gaúcha, trata-se do encontro tradicional para compartilhar música, histórias, chimarrão e convivência, celebrando a identidade e os costumes regionais. A partir disso, este estudo questiona: como as canções regionais se caracterizam como fonte de informação e registro das memórias e da identidade cultural? O objetivo é analisar o papel da canção tradicionalista gaúcha na afirmação de identidades e na preservação

de memórias coletivas.

Para tanto, o referencial teórico está amparado em produções das áreas de ciências humanas e sociais, especialmente Ciência da Informação e Memória Social, para pensar a canção tradicional como fonte de informação e suas relações com os conceitos de memória e identidade cultural. Metodologicamente, é um estudo qualitativo, descritivo e documental que utiliza o método da narratologia para observar como a canção analisada articula elementos presentes na cultura gaúcha.

2 MÚSICA: FONTE DE INFORMAÇÃO E EXPRESSÃO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL

Os traços identitários são delineados ao longo da nossa existência. Cada sujeito performa a partir do contexto sociocultural no qual está inserido, instância que fomenta a produção de valores simbólicos resultantes dos sentidos que ele atribui aos elementos e fenômenos que o cercam. Na interação com o mundo, o sujeito constrói uma representação de si, como afirma Pollak (1992), ao refletir sobre identidade como uma imagem de si, para si e para os outros. Essa imagem, adquirida ao longo da vida, é amparada na própria acreditação que a pessoa tem na imagem que construiu sobre si, bem como na forma como deseja ser percebida pelos outros.

Em âmbito coletivo, a construção das identidades é marcada pela busca de modos de vida típicos do grupo social, desenvolvendo-se por meio da escolha de determinadas características em detrimento de outras. Conforme Hall (2006), a identidade serviu historicamente para unificar os povos em torno de características em comum, por meio do sentimento de pertencimento, o que lhe confere um atributo altamente político e um papel homogeneizador. Além disso, as identidades são formadas culturalmente, sendo preciso pensá-las a partir de sua construção no interior da representação e por meio da cultura, em um processo que, por vezes, é carregado de elementos imaginários e fantasiosos.

Em que pese esse caráter coletivo que permeia a construção identitária, é fundamental frisarmos que ela não ocorre de forma coesa e pacificada. Os referenciais identitários, sejam individuais ou coletivos, não surgem de uma escolha consensual de modos de vida, mas sim de zonas de disputa, assimetrias de poder e negociações constantes. A seleção de determinadas características em detrimento de outras não é um gesto pacífico, constituindo-se em um processo político marcado por silenciamentos, exclusões e conflitos em torno de quais memórias devem legitimar o grupo.

No decorrer de nossa experiência existencial, vamos consolidando uma representação na qual desejamos ser percebidos pelos olhares dos outros. Essa imagem é movente, visto que vai sendo modificada com o passar do tempo e isso ocorre pelo fato de performarmos em contextos culturais e coletivos que também são dinâmicos. Outra instância que está intrinsecamente vinculada à constituição de nossa identidade é a memória, pois como afirma Candau (2016, p. 16), "[...] é a memória, faculdade primeira, que alimenta a identidade". Ainda de acordo com o autor, a memória nos modela e é por nós modelada, em uma dialética entre memória e identidade, que se conjugam e nutrem mutuamente, apoiando-se uma na outra na produção das trajetórias de vida, histórias, mitos e narrativas.

A identidade recorre à memória coletiva para produzir o efeito desejado de unificação do grupo, por vezes fazendo uso de mitos e imaginários que produzem espécies de "falsas memórias". Entretanto, emerge a problemática de que memória e identidade, especialmente quando pensadas no bojo do paradigma social, não podem ser consideradas referentes "unificados", pois se constituem em arenas de interação marcadas por conflitos, disputas políticas e negociações.

O mito é uma construção memorial coletiva e, por meio dele, "[...] os membros de uma dada sociedade procuram veicular uma imagem do seu passado de acordo com a sua própria representação daquilo que eles são, o que é completamente explícito nos mitos de origem" (Candau, 2016, p. 91). Ou seja, a identidade se alimenta da memória coletiva, que não necessariamente representa a história e as vivências do grupo social tal como ocorreram, mas como se deseja que sejam lembrados. Esse entendimento de que a memória e a identidade nos modelam e são por nós modeladas demanda uma atenção para as intenções que atravessam esses processos. Isso porque é questionável até que ponto os traços identitários e referenciais de memória são influenciados no âmbito da coletividade, posto que essas interferências acabam silenciando algumas narrativas quando privilegiam outras.

Apesar de cada sujeito possuir sua própria imagem, suas percepções e formas de interagir no mundo, existe correspondência com traços que constituem outros sujeitos, ou seja, a individualidade inerente ao sujeito é formada por diversificadas características que encontram ressonância na coletividade. Halbwachs (2006, p. 30), ao refletir sobre a memória coletiva, defende que "[...] jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos por nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem".

Tanto a memória quanto a identidade são instâncias consolidadas em acordos e interações sociais que, por vezes, subsidiam a produção de meios de armazenamento que expressam as percepções e os laços instaurados por seus produtores. Assmann (2011, p. 24) considera que os sujeitos e as culturas constroem suas memórias "[...] interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas, e organizam suas memórias com o auxílio de meios de armazenamento externo e práticas culturais". Refletindo sobre a ação humana e social de exteriorização das memórias, Massoni e Borges (2024) entendem que elas se expressam em práticas socioculturais cotidianas, ou seja, que produzimos expressões de memórias, tanto individuais como coletivas, por meio de ações, documentos, gestos, manias ou outros fenômenos presentes na existência humana, através de ações comunicacionais.

Essas expressões, ao serem registradas, tornam-se fontes de informação, aqui entendidas como os recursos que servem para satisfazer as necessidades informacionais das pessoas, tendo sido criados ou não com tal finalidade (Villaseñor Rodriguez, 1998). Assim, as fontes de informação são expressões de memória, mas não são sua fonte, uma vez que a fonte, ou seja, a origem das memórias, são as próprias pessoas (Massoni; Borges, 2024). Os registros, aos quais os autores entendem como expressões da memória, podem estabilizá-la por meio de suas representações, mas não são as fontes das memórias e nem as memórias em si.

Apesar disso, convém lembrarmos que isso não significa isolar as pessoas como origem única da memória, pois a lembrança individual só existe por ser mediada socialmente e ancorada em suportes externos. Nesse contexto, as fontes de informação não são meros depósitos passivos de informação, mas agentes ativos que influenciam a cognição humana, auxiliando na rememoração do que tenha sido esquecido pelas pessoas. Isso porque a memória é um processo simbiótico em que os arquivos e as interações sociais constituem mutuamente o que escolhemos lembrar ou esquecer.

Dentre os meios, práticas e expressões de memória, a produção musical é capaz de revelar, por meio de ritmos, melodias e letras, algumas significações compartilhadas em determinado contexto geográfico, histórico e social. Isso porque, conforme Pinto (2001), a música manifesta crenças e identidades, sendo universal quanto à sua existência em qualquer sociedade, mas também se mantém singular e de difícil tradução, se apresentada fora de contexto ou do seu meio cultural.

Uma canção, por exemplo, pode subsidiar a identificação dos sujeitos com seus pares,

fortificando "[...] o senso de pertencimento; pode colaborar também com a nomeação e compreensão de processos psicológicos, emocionais, sociais, políticos e culturais que se manifestam em contextos partilhados" (Carvalho; Sousa, 2024, p. 487). Ou seja, a atribuição de sentido a dada canção é fundamentada no repertório cultural do sujeito que, por sua vez, é influenciado pelos seus traços de memória e identidade.

A música também possui um forte potencial informativo, com possibilidades significativas de investigação em documentos e registros musicais, bem como na sua interpretação, marcada pela subjetividade e por significados que, quando observados, revelam aspectos sociais e cognitivos de seu contexto de produção (Moura; Almeida, 2019). A canção é, assim, um artefato cultural que registra aspectos socioculturais, constituindo-se como recurso informacional de memória e representação social (Bezerra *et al*., 2019). A informação registrada e representada pela música possui um caráter subjetivo por ser produto direto das relações afetivas de quem a produz. Conforme Morigi e Bonotto (2004), a narrativa musical reativa os componentes afetivos retidos nas inscrições da sua memória, nos permitindo conhecer recordações da paisagem, das pessoas e das suas tradições, constituindo-se em fonte de informação.

Com base no exposto, as canções se configuram como um artefato capaz de acionar no sujeito sensações e emoções vinculadas a recordações. A esse respeito, Carvalho e Sousa (2024, p. 487) defendem que podemos compreender a apreciação de uma canção como "[...] um diálogo intersubjetivo, através do qual o ouvinte pode alcançar o maravilhamento de não estar sozinho em sua forma de experienciar o mundo, o alumbramento de pertencer e saber-se pertencente". Portanto, as produções musicais, notadamente as canções tradicionais, podem ser compreendidas como fonte de informação significativa para evocação e/ou fortalecimento da memória, da identidade e do senso de pertencimento. Nesse contexto, Dias e Massoni (2024, p. 158) afirmam que

> [...] a música se constitui uma expressão bastante popular de memórias, ao registrar os acontecimentos de uma época, a cultura na qual está inserida, os sentimentos individuais, mas que também são vividos coletivamente, bem como os sonhos e utopias de seus produtores - e, de algum modo, da própria sociedade. Suas possibilidades de pesquisa e contemplação são as mais variadas, existindo tantas possibilidades como os usos sociais que delas fazemos. Afinal de contas, dificilmente nos lembraremos de alguém que não gosta de música, seja o estilo que for. Ouvir músicas emociona, conscientiza e reativa lembranças.

A partir dessa afirmativa, entendemos que as canções integram as diferentes esferas da vida e fazem com que os sujeitos possam evocar suas lembranças, como também ampliar seu

senso de pertencimento ao se reconhecer, seja no ritmo, na melodia ou na letra de uma composição, aspecto que caracteriza a canção tradicional como artefato capaz de expressar a memória coletiva e a identidade cultural. Para Dias e Massoni (2024), ela é uma expressão de memória capaz de avivar as memórias afetivas, possibilitando o conhecimento de outras culturas e a transmissão de práticas culturais entre gerações, por meio do seu registro. Assim, ao ser preservada e disseminada, contribui para que os traços culturais nela representados possam acionar memórias e fomentar processos de ampliação de repertórios de conhecimentos sobre diversificadas culturas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo é descritivo, qualitativo e documental, focando a análise em uma narrativa subjetiva e imbuída de afeto, que é a canção Tertúlia (1982), de Jader Moreci Teixeira, conhecido como Leonardo, famoso cantor e compositor da música nativista gaúcha. A análise descreve a letra da canção e os elementos que a compõem, focando na descrição da cultura gaúcha a partir das informações narradas. Trata-se de um estudo documental, tendo como fonte de informação principal a letra da canção analisada.

A canção foi escolhida para ser objeto de análise deste estudo devido à sua penetração no estado do Rio Grande do Sul, sendo bastante conhecida pela população gaúcha, especialmente entre os adeptos do nativismo. A canção, inclusive, recebeu o troféu Calhandra de Ouro da Califórnia da Canção Nativa, um importante festival de música tradicional gaúcha que ocorre desde 1971. Além disso, a canção possui um forte teor narrativo, ao descrever práticas socioculturais e paisagens do Rio Grande do Sul, tornando possível analisá-la por meio do método da narratologia.

A análise dos dados é amparada na narratologia, método que propõe a decomposição de narrativas a partir da sua estrutura. Para Gancho (2002), as narrativas são formadas por cinco elementos: o enredo, que apresenta o conjunto de fatos narrados na história, envolve ação, intriga, tema etc.; as personagens, que fazem a ação descrita e dão dinamicidade à narrativa, tendo características físicas, sociais, psicológicas, ideológicas e morais; o espaço, correspondendo ao cenário onde as ações acontecem, situando personagens e se relacionando com elas; o tempo, que abrange a época em que a história ocorre, sua duração, as relações entre passado, presente e futuro e as percepções subjetivas e/ou sensoriais do tempo, envolvendo tanto a cronologia como o tempo psicológico; e o narrador, elemento estruturador

da história, responsável por contá-la, em primeira ou terceira pessoa. Complementando esses elementos, há o tema, que representa a ideia por trás da narrativa; e os assuntos abordados, constituintes do tema e que expressam a forma como ele é concretizado na narrativa.

Tais elementos possibilitam perceber a estrutura da narrativa, sendo que a articulação entre eles é que garante a coesão da história narrada, o que confere validade ao método da narratologia nos estudos sobre informação e memória, pois oportuniza observar "[...] de que modo as histórias são narradas na tessitura do presente, por meio de informações que rememoram acontecimentos, pessoas e lugares" (Massoni, 2023, p. 11). A análise focou em interpretar, na canção, elementos que revelem traços da identidade cultural e da memória coletiva do povo gaúcho, sempre tendo em vista que se trata de um enquadramento, com lembranças e esquecimentos, como qualquer fonte de informação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Objetivando analisar o papel da canção tradicionalista gaúcha na afirmação de identidades e na preservação de memórias coletivas, selecionamos a canção "Tertúlia", de Leonardo. O fato de o compositor integrar o movimento tradicionalista gaúcho nos leva a inferir que há indícios de uma produção musical centrada nos traços de memória e identidade do Rio Grande do Sul. Entretanto, com o método da narratologia, buscamos realizar uma análise aprofundada da referida canção, que expressa (Teixeira, [20--], on-line):

> Uma chamarra, uma fogueira
> Uma chinoca, uma chaleira
> Uma saudade, um mate amargo
> E a peonada repassando o trago
> Noite cheirando a querência
> Nas tertúlias do meu pago
> Tertúlia é o eco das vozes perdidas no campo afora
> Cantiga brotando livre, novo prenúncio de aurora
> É rima sem compromisso, julgamento ou castração
> Onde se marca o compasso no bater do coração
> Uma chamarra, uma fogueira
> Uma chinoca, uma chaleira
> Uma saudade, um mate amargo
> E a peonada repassando o trago
> Noite cheirando a querência
> Nas tertúlias do meu pago [...]
> É o batismo dos sem nome, rodeio dos desgarrados
> Grito de alerta do pampa, tribuna de injustiçados
> Tertúlia é o campo sonoro, sem porteira ou aramados
> Onde o violão e o poeta podem chorar abraçados
> Uma chamarra, uma fogueira
> Uma chinoca, uma chaleira
> Uma saudade, um mate amargo

> E a peonada repassando o trago
> Noite cheirando a querência
> Nas tertúlias do meu pago [...][1]

O primeiro aspecto a ser explorado é o título da canção, que serve como fio condutor de toda a narrativa. Em sentido genérico, "tertúlia" é um termo que designa uma reunião de parentes ou amigos, uma palestra literária, uma apresentação de conteúdo literário ou ainda um pequeno grupo composto por escritores (Tertúlia, 2026). Esses encontros são especialmente utilizados na difusão cultural gaúcha, onde músicas e poesias sobre as práticas socioculturais regionais são compartilhadas por membros dos movimentos tradicionalista e nativista do Rio Grande do Sul. Assim, se constitui em um espaço de sociabilidade e reafirmação de laços identitários.

Partindo do pressuposto de que letras de músicas podem contar histórias e evocar lembranças (Napolitano, 2010), percebemos que, ao longo da música, a prática da tertúlia é desmembrada e caracterizada como uma expressão da cultura gaúcha. Há uma descrição da paisagem vivida e das relações sociais estabelecidas entre as pessoas que mantêm essa tradição. O tradicionalismo gaúcho fica evidente pelo uso recorrente de termos regionais, como "chamarra" (espécie de batina), "chinoca" (mulher com traços indígenas) e "querência" (lugar de apego ou origem).

Na canção, a tertúlia é representada como prática cultural coletiva, um "eco das vozes" da população "no campo afora", onde pessoas simples produzem uma "cantiga brotando livre", "sem compromisso, julgamento ou castração". Esses aspectos evidenciam o caráter popular da prática, algo que se faz presente de forma orgânica no cotidiano da cultura representada, especialmente no pampa gaúcho, onde atua como um "campo sonoro sem porteira e aramados".

O vínculo emocional com a prática fica evidente nos trechos que afirmam que, na tertúlia, "se marca o compasso no bater do coração", um tipo de expressão na qual "o violão e o poeta podem chorar abraçados". Percebemos que a canção é repleta de componentes afetivos que expressam as emoções de realizar as tertúlias, momento no qual se manifesta a "saudade", compondo um cenário nostálgico à prática. A própria forma de se referir ao lugar revela esse afeto: "querência" é um termo que representa o lugar onde se nasceu, criou ou onde a pessoa se acostumou a viver (Querência, 2026), enquanto "pago" diz respeito a uma aldeia ou

[1] Letra disponível em: https://www.letras.mus.br/leonardo-gaucho/1944904/. Acesso em: 27 maio 2026.

lugar pequeno. Ou seja, esses termos representam o território com o qual as pessoas possuem vínculo afetivo e se sentem pertencentes.

O quadro 1 apresenta os elementos estruturantes da narrativa presente na canção, de acordo com os pressupostos do método da narratologia.

Quadro 1 - Decomposição da Música *Tertúlia*, a partir da Narratologia

Elemento	Presença na canção
Enredo	Tertúlias; “cantiga brotando livre”; “eco das vozes”; “rima sem compromisso, julgamento ou castração”; “se marca o compasso no bater do coração”; “batismo dos sem nome, “rodeio dos desgarrados”; “grito de alerta”; “tribuna de injustiçados”; “chorar abraçados”.
Personagens	Chinoca; chamarra; peonada; poeta; “os sem nome”; desgarrados; injustiçados.
Espaço	Pago; fogueira; chaleira; mate amargo; violão; “repassando o trago”; campo afora; pampa; “tertúlia é o campo sonoro sem porteira ou aramados”.
Tempo	Uma saudade; “noite cheirando a querência”; novo prenúncio de aurora.
Narrador	Eu-lírico não definido, mas pertencente à cultura descrita.

Fonte: elaboração própria (2026).

A decomposição narrativa realizada evidencia a estrutura da canção, mas também permite compreender como diferentes categorias narrativas operam como organizadoras da informação cultural. O espaço (“pago”, “campo afora”, “pampa”), por exemplo, registra referências territoriais que contextualizam práticas sociais específicas; as personagens materializam papéis sociais reconhecidos no imaginário regional; o tempo (“saudade”, “aurora”) informa modos de experienciar a temporalidade que são próprios da memória coletiva; e o narrador funciona como mediador das representações culturais, selecionando quais experiências serão registradas e transmitidas. Desse modo, a narratologia ultrapassa uma função descritiva e constitui um instrumento para identificar os elementos informacionais presentes na narrativa musical.

A análise parte do “enredo” apresentado na canção, que discorre sobre a prática de sentar-se ao redor de uma fogueira e deleitar-se no sabor de mate ao lado de pessoas estimadas. Essa é uma prática social presente no cotidiano da região Sul do Brasil, sobretudo quando cita o chimarrão, que é uma bebida expressivamente consumida nesse território. Com

isso, a canção pode levar pessoas ligadas a essa região a rememorar vivências que formam sua memória individual e coletiva, pois como julga Halbwachs (2006), sempre levamos uma certa quantidade de pessoas com as quais compartilhamos vivências e construímos memórias. O enredo organiza informações sobre a prática da tertúlia, estabelecendo relações entre acontecimentos, sujeitos e valores culturais que podem ser recuperados pelos ouvintes como conhecimento sobre determinado modo de vida.

Quanto aos "personagens" descritos nos versos da canção, incluem as pessoas ao redor da fogueira, que podem ser amigos e familiares, com o destaque à "chinoca", expressão integrada ao vocabulário gaúcho e que possui sentidos diversos, podendo se referir tanto a prostitutas, como a mulheres com traços indígenas ou à mulher amada (a companheira do homem do campo). Pelo sentido empregado na canção, acreditamos que se trate da mulher amada. Também há a figura do "poeta", bem como os "injustiçados", referindo-se a pessoas que em alguma dimensão foram colocadas à margem da normalidade hegemônica. Ao registrar esses personagens, o compositor consolida a canção como expressão de memória, conforme Dias e Massoni (2024), pois leva os ouvintes a acionar memórias afetivas, como também possibilita o acesso ao conhecimento sobre outras culturas e territórios, no caso de quem desconhece a cultura gaúcha e/ou não compartilha desses laços identitários. As personagens funcionam como marcadores informacionais de categorias sociais presentes no imaginário regional, permitindo identificar papéis, relações de pertencimento e formas de representação cultural.

A dinamicidade da narrativa se dá na tertúlia, ou seja, o *espaço* que situa a letra da canção, que está ao redor da fogueira acesa no campo. Ao refletirmos sobre o espaço expresso na canção, é possível inferir que essa descrição também favorece processos de identificação e senso de pertencimento, como julgam Carvalho e Sousa (2024) ao refletirem sobre o quanto a canção pode fomentar o acionamento da identidade e colaborar na compreensão de processos culturais vivenciados coletivamente. O espaço narrativo constitui uma fonte de informação territorial, pois registra referências geográficas e simbólicas que situam culturalmente a narrativa e possibilitam ao ouvinte reconhecer elementos da paisagem cultural gaúcha.

Sobre o "tempo", a letra da canção indica que o enredo se manifesta no prenúncio da aurora, levando-nos a percepções subjetivas e sensoriais ao rememorar vivências experienciadas ao raiar do dia, mesmo que a "aurora" também possa se referir à metáfora de um novo tempo, a um futuro idealizado. Ao reativar lembranças, conforme Dias e Massoni

(2024), a música é compreendida como uma expressão de memória por registrar acontecimentos, sentimentos individuais e coletivos, além de possibilitar que o compositor expresse suas próprias memórias e utopias.

A respeito do compositor, entendemos que ele exerce a figura de "narrador" da canção, uma vez que Leonardo foi um músico, cantor e compositor expoente da música regional gaúcha, especificamente do gênero música nativista, que expressa o amor pelas tradições folclóricas do povo gaúcho. Assim sendo, o compositor se coloca como porta-voz da cultura regional, relatando não apenas as suas memórias individuais, mas as tradições e os afetos coletivamente compartilhados, representando características e costumes do grupo social no qual está inserido. O narrador não apenas relata acontecimentos, mas realiza um enquadramento informacional da memória, selecionando quais experiências, personagens e valores serão preservados na narrativa, processo que evidencia que toda informação memorial é também resultado de escolhas e mediações.

Embora não seja um elemento estruturador das narrativas, segundo a narratologia, frisamos que o "tema" da canção é a tertúlia, que pode levar pessoas que são residentes do Rio Grande do Sul ou que já vivenciaram algo parecido a evocarem memórias e acionar o sentimento de pertencimento. Morigi e Bonotto (2004), ao refletirem sobre narrativa musical, defendem que ela pode reativar componentes retidos na memória dos sujeitos quando revelam recordações de paisagens, pessoas e tradições.

A tertúlia é, então, entendida como uma forma de mediação das práticas culturais regionais. Apesar disso, cabe frisar que, mesmo sendo socialmente partilhadas, essas características não são homogêneas e nem totalizantes, pois nem toda pessoa residente no Rio Grande do Sul compartilha dessas práticas - muitos gaúchos podem nem mesmo conhecer o que é tertúlia, muito menos participar de uma em algum momento da vida. Porém, entendemos que, ao recorrer a um mito identitário como o do gaúcho do campo, figura situada em uma paisagem rural, a canção tradicional pode despertar um sentimento de pertencimento à cultura regional, ao reativar a imagem de um passado bucólico, idealizado, com o qual é possível se identificar e manter laços afetivos, mesmo sem ter vivido essa experiência.

A canção analisada recorre a um componente imaginário, amparado em uma figura quase mitológica do gaúcho, algo muito distante da realidade da maioria da população residente no RS. O mito desempenha um caráter de regulação memorial, sendo um erro, conforme Candau (2016), induzir a existência de uma memória partilhada a partir da

constatação de atos memoriais. A sociedade está repleta de atos memoriais, como comemorações, museus, mitos, hinos ou mesmo a visita familiar a um cemitério. Entretanto, a simples observação dos atos de memória não dá acesso às suas representações, pois somos enganados por um efeito de falso consenso, pensando que todos partilham de tais representações, o que costuma não ser verdade. Ainda assim, esses aspectos não deslegitimam a tertúlia como prática representativa da cultura gaúcha, pois Hall (2006) entende que a identidade cultural é fluida e em permanente processo de construção, sendo formada por processos de identificação.

Neste estudo, a narratologia não foi adotada apenas como método de análise literária, mas como um modelo para compreender como a informação é organizada e transmitida pela narrativa musical. Enquanto fonte de informação, a música realiza uma mediação das práticas culturais e dos valores compartilhados pelo grupo que as produz. Assim, compreendemos que a canção tradicional possui uma narratividade que é justamente o mecanismo pelo qual a canção transforma memória em informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A canção tradicional é uma fonte de informação e um artefato artístico-cultural fortemente ligado à emoção e à identidade de quem a produz, revelando ideais, posicionamentos políticos, visões de mundo e afetos de quem a compõe e, por vezes, até mesmo da sociedade na qual é produzida. Neste estudo, analisamos uma canção específica, situada no movimento tradicionalista do estado do Rio Grande do Sul: a música nativista. A análise permitiu identificar que, por meio da caracterização da tertúlia, uma prática sociocultural regional, são mantidas diversas outras tradições de teor coletivo, tais como a roda de chimarrão ao redor da fogueira, marcando um contexto no qual a tertúlia é representada como forma de expressão de práticas e sentimentos socialmente compartilhados.

Na canção, há uma série de práticas realizadas, compondo um enredo no qual personagens (gaúchos) interagem entre si, situados em um espaço e tempo definidos, representando o tema da tertúlia a partir da perspectiva do narrador, que é o compositor Leonardo, porta-voz das pessoas que compartilham dessas práticas. Ainda assim, ressaltamos que as características citadas na canção expõem uma idealização que não representa todo mundo, pois muitos gaúchos podem desconhecer tais práticas e costumes ou mesmo não compartilhar deles, o que evidencia o caráter múltiplo das identidades culturais. Assim, mesmo

pessoas oriundas do Rio Grande do Sul podem não estabelecer relações afetivas com os aspectos descritos na canção. Ainda assim, o estudo reitera a canção tradicional como fonte de informação que pode subsidiar processos de acionamento do senso de identidade consolidado no âmbito da memória coletiva.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BEZERRA, Emanuella Maria Barbosa Lourenço *et al*. A música na Ciência da Informação: uma análise de domínio da temática no Brasil no período de 1972 a 2018. *In*: CONGRESSO ISKO ESPANHA, 4., Barcelona, 2019. **Anais** [...]. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2020. p. 441-449. Disponível em: https://zenodo.org/records/3743354. Acesso em: 18 nov. 2026.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2016.

CARVALHO, Juliana Maria Coelho dos Santos; SOUSA, Ana Claudia Medeiros de. As canções de Dorival Caymmi como dispositivos de mediação cultural e memória. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 17, n. 3, p. 484-504, set./dez. 2024. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/53103. Acesso em: 18 nov. 2026.

DIAS, Eliane Carniel; MASSONI, Luis Fernando. Músicas como expressão de memória. *In*: MASSONI, Luis Fernando; BORGES, Jussara. **Expressões da memória**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 147-160.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MASSONI, Luis Fernando; BORGES, Jussara. As memórias se expressam. *In*: MASSONI, Luis Fernando; BORGES, Jussara. **Expressões da memória**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024, p. 9-15.

MASSONI, Luis Fernando; MORIGI, Valdir José. Notas sobre o uso da narratologia nos estudos sobre informação e memória. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 23., 2023, Aracaju. **Anais** [...]. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2023. v. 3, n. 1, p. 1-12. Disponível em: https://enancib.emnuvens.com.br/enancib/pt_BR/article/view/1181. Acesso em: 18 nov. 2026.

MORIGI, Valdir José; BONOTTO, Martha E. K. Kling. A narrativa musical, memória e fonte de informação afetiva. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 143-161, jan./jun. 2004. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/88. Acesso em: 18 nov. 2026.

MOURA, Jozuel Vitorino de; ALMEIDA, Carlos Cândido de. Semiótica, música e organização do conhecimento: contribuindo para o debate. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 1, p. 20-36, jan./abr. 2019. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/6344. Acesso em: 18 nov. 2026.

MÚSICA REGIONAL. **Leonardo Gaúcho**. [*S. l.*], 13 jul. 2022. Disponível em: https://musicaregional.com.br/leonardo-gaucho. Acesso em: 25 nov. 2025.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 235-289.

OLIVEIRA PINTO, Tiago de. Som e música: questões de uma antropologia sonora. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 221-286, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ra/a/7m9qKxqzq7qYvQxVwJz6Z5P/. Acesso em: 18 nov. 2026.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941. Acesso em: 18 nov. 2026.

QUERÊNCIA. **Dicio**. [*S. l.*], 2026. Disponível em: https://www.dicio.com.br/querencia/. Acesso em: 12 maio 2026.

TEIXEIRA, Jader Moreci (Leonardo Gaúcho). Tertúlia. **Letras.mus.br**, [*s. l.*], [20--]. Disponível em: https://www.letras.mus.br/leonardo-gaucho/1944904/. Acesso em: 18 nov. 2026.

TERTÚLIA. **Dicio**. [*S. l.*], 2026. Disponível em: https://www.dicio.com.br/tertulia/. Acesso em: 7 abr. 2026.

VILLASEÑOR RODRIGUEZ, Isabel. Los instrumentos para la recuperación de la información: las fuentes. *In*: TORRES RAMÍREZ, Isabel de (ed.). **Las fuentes de información**: estudios teórico-prácticos. Madrid: Síntesis, 1998, p. 29-42.